

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA
MESTRADO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

A escuta psicanalítica de jovens negros no espaço Memorial Quilombo dos Palmares: o quilombismo como efeito ético-político das Rodas de Rap

JÉSSICA MICHELLE DOS SANTOS SILVA

PORTO ALEGRE

2023

JÉSSICA MICHELLE DOS SANTOS SILVA

A escuta psicanalítica de jovens negros no espaço Memorial Quilombo dos Palmares: o quilombismo como efeito ético-político das Rodas de Rap

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicanálise do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Roselene Ricachenevsky Gurski

PORTO ALEGRE

2023

ATA DE SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos vinte e seis dias do mês de maio do ano de dois mil e vinte e três, às 16:30 hrs, por videoconferência, reuniu-se a Banca Examinadora para a sessão de defesa da dissertação intitulada “*A escuta psicanalítica de jovens negros no espaço Memorial Quilombo dos Palmares: o quilombismo como efeito ético-político das Rodas de Rap*”, de autoria do(a) mestrando(a) JÉSSICA MICHELLE DOS SANTOS SILVA, sob a orientação do(a) professor(a) Dra. Roselene Ricachenevsky Gurski. A Banca Examinadora foi composta pelo(a)s examinadore(a)s Profa. Dra. Andréa Máris Campos Guerra (PPG Psicologia/ UFMG), Dr. Kwame Yonatan Poli dos Santos (Instituto Gerar) e Profa. Dra. Cláudia Maria Perrone (PPGCLIC/UFRGS). Após a apresentação do(a) mestrando(a), a Banca procedeu à arguição. A dissertação foi aprovada pela Banca Examinadora. O parecer conclusivo foi lido pelo(a) orientador(a). Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 18:45, sendo a presente Ata lavrada e assinada pelo(a) orientador(a). Porto Alegre, 26 de maio de 2023.

Documento assinado digitalmente



ROSELENE RICACHENEVSKY GURSKI

Data: 28/05/2023 14:40:23-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Roselene Ricachenevsky Gurski - Presidente da Banca:

Profa. Dra. Andréa Máris Campos Guerra (UFMG): _____

Dr. Kwame Yonatan Poli dos Santos (Instituto Gerar): _____

Profa. Dra. Cláudia Maria Perrone (UFRGS): _____

PARECER CONCLUSIVO SOBRE DISSERTAÇÃO:

APROVADA

APROVADA COM CORREÇÕES

NÃO APROVADA

A banca aprova a dissertação e destaca a relevância social, política e clínica da pesquisa para o atual momento do país. A banca sublinha a importância das publicações a partir da pesquisa e recomenda que a pesquisadora siga na trajetória do doutorado. A banca ainda destaca o potencial inovador da escrita atravessada pela discussão do importante tema da racialidade.

A Heloína Araujo de Langlais, por te me ensinado
o verdadeiro significado da palavra Ubuntu,
a qual trago tatuada na pele e na alma.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é a parte mais difícil deste trabalho. Nele encontro os olhares, a torcida e a linguagem de diversas pessoas que cruzaram meu caminho; *É COISA DE PELE*, essa foi a frase que mais falei e que, paradoxalmente, nesse período da escrita, doeu-me e me curou na mesma intensidade. A cor com que escrevo essa dissertação é a mesma dos meus antepassados, os quais lutaram e construíram as possibilidades de novos caminhos até aqui. Aos que me antecederam, gratidão.

Não tenho palavras para agradecer aos adolescentes que fizeram parte desta pesquisa. No último encontro, dezoito horas antes de embarcar para Porto Alegre (RS), vocês me pediram para terminar essa etapa da vida, que esse diploma representava a construção da vivência dos últimos anos e que eu não esquecesse nenhum de vocês. Aqui está, obrigada por confiarem no trabalho, por me entregarem as dores da vida e por terem a ousadia de fazer arte com o que por vezes se apresenta como indizível.

Agradeço aos meus pais por terem me escolhido como filha e peço desculpas por todas as lágrimas de saudades que eu fiz vocês derramarem ao entrar naquele avião com destino ao Sul do Brasil. Vocês me ensinaram que amor e liberdade são sinônimos, e, apesar de não entenderem minhas escolhas, apoiaram-me, eu não seria nada sem vocês.

À minha amada amiga Helô, que, mesmo do outro lado do Oceano Atlântico, fez-se presente a cada dia deste percurso, colocando-me nos braços nos dias em que parecia ser impossível continuar, devolvendo-me o chão nos momentos que voltei a respirar. Quem sentou na primeira arquibancada e vibrou com cada vitória, fazendo-me acreditar que seria possível. A você, a dedicação desta dissertação e todo amor, admiração e respeito que você conquistou em minha vida.

À Adriana Bairrada, pelas manhãs de cafés nada convencionais, pelas trocas em psicanálise, por ter feito de sua casa e do seu colo meu porto seguro, por me entregar a calma e desatar os nós da linguagem. Amiga, seu olhar atento e sua escuta perspicaz são os “pequenos detalhes” que me fizeram amá-la, obrigada por tudo e por tanto.

Agradeço aos integrantes do NUPPEC, os quais me acolheram de tal modo que me faz acreditar na composição de uma *família de pesquisa*, em especial à Patrícia Fagundes, que me entregou um lar em meio às palavras, à Andressa Lemos, por todas as vezes que me estendeu as mãos, e à Ayelen Agundez, que me presenteou com o carisma e intensidade que fogem das normas acadêmicas.

À minha orientadora, Rose Gurski, os 3.515,8 km que atravessei para chegar até suas produções me fizeram presenciar o ser humano incrível que você é. Nesses dois últimos anos, a vivência rasgou o véu da idealização, e só assim foi possível fazer laço; obrigada por me fazer sentir acolhida, por dar tempo para o meu próprio despertar, por me ensinar na prática que nada se faz sem desejo, obrigada pela transmissão da psicanálise, pelo entusiasmo em suas falas, pelo brilho no olhar e pela criação de caminhos para a mudança. Com você aprendi que profissionalismo e cuidado podem e devem andar juntos.

Agradeço também à banca por aceitarem fazer parte desse momento tão importante na minha vida acadêmica: Andrea Guerra, Cláudia Perrone e Kwame Santos, muito obrigada!

Por fim, agradeço pelo apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

PRELÚDIO

Desde que iniciei o percurso desta dissertação, inquietava-me um desejo latente de começar as linhas escritas por vias preliminares, uma vontade de contextualizar como e por onde tudo começou.

O interessante é que a introdução parecia ser o suficiente até o momento da qualificação... Depois da banca, comecei a procurar formas de como escrever as próximas linhas sem expor as dores encontradas no caminho que passaram a me atravessar de forma gradativa na medida em que escrevia esta — e me inscrevia nesta — dissertação.

Ironicamente, depois de passar um ano evitando e buscando formas de transmissão, decidi que o primeiro passo seria rasgar as cortinas do que tentei esconder, afinal, sempre tive curiosidade sobre os acontecimentos dos bastidores, em saber o que vem antes da estruturação que alicerça e sustenta o(s) trabalho(s).

Esta escrita nasce entre as grades da socioeducação, do grito emudecido de jovens negros e periféricos da cidade de Maceió, o que não se dissocia da cor da minha pele, tampouco das condições em que vivia quando tinha a mesma idade desses adolescentes. Assim como a potência do quilombismo, encontrei no trabalho com os meninos, não somente a minha caminhada enquanto profissional, mas a minha posição enquanto uma mulher negra; foi na socioeducação que aprendi sobre comunidade, laços, negritude, resistência e arte.

Foi também com a morte de um dos adolescentes, que participou vivamente deste trabalho, que senti a necessidade de viver um pouco o que teorizo nestas páginas. Optei por escrever cada capítulo em um lugar distinto do Brasil, procurando formas de aquilombamento que me fizessem entender o que eu estava propondo, e a dor que me queimava na pele cada vez que eu relembrava as vivências e as falas de Alisson. Para isso, e por isso, passei a escrever as primeiras linhas em solo Palmarino, procurava no Quilombo a ancestralidade que me foi negada desde minha chegada ao mundo.

Conheci os quilombos alagoanos ainda existentes, sentei-me frente ao cais de desembarque dos navios negreiros em Recife (PE) e chorei enquanto meus olhos percorriam cada detalhe. Presenciei as reuniões do movimento atual do rap em Alagoas,

fui até o slam das minas em São Paulo e cheguei a uma conclusão: não é em vão o ditado Iorubá que diz que “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje”.

Em outras palavras, as batalhas que luto hoje começaram há muito tempo, muito antes da minha chegada. Depois de rasgar as cortinas que separam o leitor do escritor, me vejo na obrigação de advertir que este não é mais um escrito sobre a senzala; minhas mãos transcrevem a vida árida e o fazer poético que me foi confiado por doze adolescentes negros.

A nomeação de cada capítulo foi retirada da fala desses jovens em diferentes momentos, momentos que trazem as marcas do Quilombo dos Palmares, espaços que ficaram como traços nos discursos dos jovens. O título do primeiro capítulo foi resultado do último encontro com os adolescentes, no qual eles escreveram, em forma de origami, a seguinte questão: “Tia, vai atrás desse diploma, faz isso por nós.”

Por tudo isso, decidimos estruturar o trabalho da seguinte maneira: no primeiro capítulo (*Do corpo à escrita: vai em busca desse diploma, faz isso por mim, pela senhora e por nós*), trago um pouco do desdobramento da questão de pesquisa e de como cheguei nas unidades socioeducativas. Depois faço uma breve discussão sobre as questões raciais desde a psicanálise.

Na segunda parte (*Isso aqui é espaço de cura, vocês desenvolvam a escuta: a guisa de uma metodologia psicanalítica na socioeducação*), abordo minha chegada ao NUPPEC, a escolha da pesquisa psicanalítica e o percurso da criação do dispositivo das Rodas de Rap; em seguida, a proposta de racialização do dispositivo, descrevendo também a estruturação das Rodas em Maceió.

A terceira parte, *A Lagoa Encantada dos Negros — a necropolítica do genocídio brasileiro*, nasce de um episódio no qual os jovens, sentados ao redor da lagoa, enunciam a chacina que dizimou incontáveis quilombolas. Nesse capítulo, tratamos sobre a contextualização histórica do genocídio brasileiro e de como, infelizmente, a necropolítica se articula tão bem com a sociedade brasileira, atravessando as histórias e as vidas desses e de outros adolescentes de vidas precarizadas.

Na quarta parte, *Muxima de Palmares*, recorreremos a duas vertentes, ambas articuladas à dimensão da cultura negra, que foram encontradas na socioeducação. A

primeira se refere aos quilombos e a outra, à potência do rap. Nessa parte, trabalho o tema da cultura negra em autores como Clóvis Moura, Beatriz Nascimento e Abdias do Nascimento para explicar o que foram os quilombos no passado e pensar o que o quilombismo pode ser no presente.

Ao final, descrevo a morte de Alisson, um dos adolescentes que participaram das rodas, e sua relação com a figura de Zumbi. Nesse final, busco os efeitos ético-políticos que podem decantar do quilombismo para os jovens negros do Brasil de hoje e para a socioeducação.

Resumo: Esta dissertação de mestrado acontece a partir da metodologia psicanalítica, tendo como dispositivo clínico as rodas de R.A.P -Ritmos, Adolescência e Poesia (Gurski & Strzykalski 2015) O NUPPEC/CNPq - Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura – vem, ao longo dos anos, consolidando a construção de dispositivos de escuta no campo social. O trabalho com adolescência contemporânea ao longo dos anos levou o Núcleo a questionar a banalização e os altos índices de criminalização dos atos juvenis, principalmente com jovens em situação de vulnerabilidade social (Gurski, 2017). Tal questionamento nos levou ao campo da socioeducação, onde a partir da interlocução entre a escuta psicanalítica e os estudos de Walter Benjamin passamos a refletir sobre o sofrimento sociopolítico desses jovens e seu lugar na sociedade. (Gurski, 2021a). As Rodas de RAP, acontecem desde 2015, na FASE/RS em Porto Alegre, ancoram-se na livre circulação da palavra junto às narrativas musicais do RAP – gênero em que os jovens articulam suas vivências com os ritmos do RAP (Gurski & Strzykalski, 2018c). O presente estudo deu uma continuidade às Rodas com uma nova nuance, além de replicar o dispositivo, pudemos racializá-lo no âmbito do sistema socioeducativo de Alagoas, considerando que as Rodas de RAP foram realizadas dentro do Quilombo dos Palmares com adolescentes negros inseridos na socioeducação.

Palavras-chave: Rodas de Rap, Socioeducação; Psicanálise, Quilombo dos Palmares e Negritude

Abstract: This master's dissertation is based on the psychoanalytic methodology, with clinical sessions using the R.A.P - Rhythms, Adolescence, and Poetry (Gurski & Strzykalski 2015) as a framework. The NUPPEC/CNPq - Research Center on Psychoanalysis, Education, and Culture - has been steadily developing listening devices in the social field over the years. Working with contemporary adolescence has led the Center to question the trivialization and high rates of criminalization of youth actions, especially among socially vulnerable young people (Gurski, 2017). This questioning has brought us into the field of socio-education, where, through the intersection of psychoanalytic listening and the studies of Walter Benjamin, we have begun to reflect on the socio-political suffering of these young people and their place in society (Gurski, 2021a). The RAP sessions have been taking place since 2015 at FASE/RS in Porto Alegre and are grounded in the free flow of words within the musical narratives of RAP – a genre in which young people articulate their experiences with RAP rhythms (Gurski & Strzykalski, 2018c). This study continues the RAP sessions with a new dimension. In addition to replicating the framework, we were able to racialize it within the context of the socio-educational system in Alagoas. These RAP sessions were conducted within the Quilombo dos Palmares with black adolescents who are part of the socio-education system.

Keywords: Rap Circles; Socioeducation; Psychoanalysis; Quilombo dos Palmares and Blackness

SUMÁRIO

PARTE 1 – DO CORPO À ESCRITA: “VAI EM BUSCA DESSE DIPLOMA, FAZ ISSO POR MIM, PELA SENHORA E POR NÓS.”	11
1.1 Breve narrativa sobre a trajetória de pesquisadoras e mulheres negras no brasil: questões sobre o racismo e as produções raciais	18
PARTE 2 – “ISSO AQUI É ESPAÇO DE CURA, VOCÊS DESENVOLVAM A ESCUTA”: À GUIA DE UMA METODOLOGIA PSICANALÍTICA NA SOCIOEDUCAÇÃO	23
2.1 As Rodas de Rap: um dispositivo ético-metodológico para a pesquisa psicanalítica no campo social	24
2.2 Diário de Experiência	27
2.3 A experiência faz furo na teoria: quem são os adolescentes das rodas de rap no quilombo dos palmares?	30
PARTE 3 – A LAGOA ENCANTADA DOS NEGROS – A NECROPOLÍTICA DO GENOCÍDIO BRASILEIRO	33
3.1 “Nesta história só existem dois lados: um com passado escravocrata e outro com passado escravizado.”	40
PARTE 4 – MUXIMA DE PALMARES	51
4.1 O quilombo, a quilombagem e o aquilombamento: nuances e perspectivas	54
4.2 Clóvis Moura e o conceito de quilombagem	55
4.3 Beatriz Nascimento: o quilombo como um conceito em movimento – construindo a identidade e a memória.	56
4.4 Abdias Nascimento e o quilombismo	59
4.5 A politização das Rodas de Rap dentro do memorial Quilombo dos Palmares ..	61
PARTE 5 – DAS GRADES RACIAIS À LIBERDADE PALMARINA	67
5.1 Primeira cena	68
5.2 Segunda cena	71
5.3 A função ético-política do rap e dos quilombos em alagoas e no Brasil	74
5.4 A morte dos heróis	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89



"Meus heróis morreram

~~de overdose."~~

pela cor da pele!



PARTE 1 – DO CORPO À ESCRITA: “VAI EM BUSCA DESSE DIPLOMA, FAZ ISSO POR MIM, PELA SENHORA E POR NÓS.”

Escrever esta dissertação é para mim um ato ético e político e, portanto, revolucionário; momento de desacelerar e elaborar, ir, voltar, ler e reler e me deparar com as dores e ZUMBI-dos causados pelo racismo. No ano de 2015, ingressei no curso de psicologia através do programa Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) , na Faculdade Estácio de Sá, em Alagoas. A opção por cursar psicologia se deu por três motivos: a minha paixão por ouvir pessoas falando sobre si, a “rebeldia” dos adolescentes e a curiosidade pelos conceitos da psicanálise.

Já no segundo período da graduação, fui me inquietando cada vez mais e percebi que os motivos que me fizeram escolher o curso foram sendo deslocados; encantei-me por vários campos de trabalho, no entanto, sempre retornava para a psicanálise e para a adolescência. Como aluna de uma instituição privada, havia pouca abertura para espaços que abordassem o campo da pesquisa e da extensão. Na busca que realizei fora da Universidade, aproximei-me das investigações sobre infância e adolescência em situação de vulnerabilidade social e passei a estagiar de forma extracurricular em uma escola particular bastante conceituada na cidade de Maceió, escola na qual a maior parte dos alunos são brancos e de classe média alta.

Na sala em que eu estava como estagiária, havia dezessete crianças, e apenas uma menina negra. Lembro-me de que em uma discussão entre duas meninas da turma, Vanessa¹, a única criança negra da sala, ao ouvir que ambas eram iguais, pigarreou: “Não, não somos iguais”. Imediatamente, pensei em falar que sim, que elas tinham os mesmos direitos e deveres, mas, antes que eu pudesse intervir, a professora da sala sinalizou que era importante perguntar a Vanessa o que a levava a se achar diferente. Ao questioná-la, Vanessa explicou “eu sou marrom bombom, ela é leite, não somos iguais, somos diferentes”.

Vanessa era uma das duas crianças negras entre as turmas do maternal e do jardim. Os pais de Vanessa eram os únicos negros nos corredores da escola. No momento em que Vanessa sublinhou sua negritude, nós, os adultos, não sabíamos o que falar. Ela então se levantou, pegou sua boneca e sentou-se em meu colo — eu era a

¹ Usaremos nomes fictícios a fim de preservar a identidade dos sujeitos citados nesta pesquisa.

outra pessoa negra na sala, além dela. Naquele momento, com Vanessa sentada em meu colo, milhões de pensamentos passavam pela minha cabeça de forma desorganizada e, até então, sem nexos.

Nesse período, peguei-me dividida entre dois mundos: pela manhã, através do projeto de extensão da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), ficava com crianças negras que viviam em condição de extrema pobreza. Nesse estágio, a luta era para conseguirmos materiais básicos de intervenções; no período da tarde, meu tempo era em uma escola de classe média-alta com outro público infantil, em que os materiais eram facilmente descartados. Passei então a me questionar com que infância e adolescência afinal eu desejava trabalhar. Por que a diferença de classe e raça me inquietava tanto? Por que as questões enunciadas por Vanessa me soavam estranhamente familiares?

Diante desses questionamentos, ampliei minhas reflexões sobre as questões sociais e a paixão que antecedeu minha entrada na psicologia foi ganhando forma. Ao longo do curso, conheci professores que me empolgaram, especialmente pelo desejo de transformação que transmitiam em suas aulas. Foi então que voltei a me entusiasmar por minha escolha e me aproximei do campo da pesquisa e da psicanálise.

Nessa mesma época, passei a fazer parte de uma liga acadêmica, o Projeto de Atenção Integral à Saúde Prisional e Internação Socioeducativa (PAISPIS). Nesse projeto, trabalhei com adolescentes que cumprem medidas socioeducativas. Quanto mais trabalhava com a socioeducação, mais inquietações surgiam. Ao mergulhar em atividades com jovens das margens, comecei a me perguntar se acaso haveria algo que a psicanálise e sua ética pudessem fazer pelas instituições sociais e pela cidade como um todo. Enquanto estudante de psicologia, envolvida com a ética e com a escuta psicanalítica, perguntava-me como poderia viabilizar um espaço de escuta fora do tradicional consultório do psicanalista.

Imersa na psicanálise e realizando as ações no PAISPIS, a sensação de que faltava algo me rondava de forma constante. O projeto do PAISPIS compreende quatro diferentes eixos: “Família”, “Formação e Profissionalização”, “Educação em Saúde” e “Esporte, Cultura e Lazer”. Destacamos o eixo da cultura, pois foi através da passagem por esse eixo que me deparei com o questionamento de um adolescente negro, de dezesseis anos, que, em meio à atividade, perguntou: “Tia, por que vocês não trazem essas paradas que ficam no nosso subconsciente?”. Nós o interrogamos quanto a sua

compreensão sobre o subconsciente, e ele respondeu: “É essa parada que psicólogo faz e deixa a gente pensando na vida, mesmo quando vão embora”. Ao perguntarmos o que ele pensava em propor, a resposta foi: “Traz o rap pra gente, tia”.

Instigada por essa colocação, especialmente porque eu mesma, uma mulher negra nascida e criada nas periferias do estado de Alagoas, cresci ouvindo as letras quilométricas de rap, eu identifiquei nessa fala, assim como no material anterior, a possibilidade de tomar a produção da cultura negra também como um dispositivo de intervenção em relação às questões da racialidade. Não demorou para que eu pudesse compreender que, até então, o projeto do qual eu fazia parte não havia se ocupado de questões raciais, e que a maior parte das atividades oferecidas no PAISPIS se originava de experiências de pessoas brancas como protagonistas, referências e heroínas.

Esse momento de minha trajetória junto à socioeducação e aos jovens negros em situação de desamparo social funcionou, para mim, como uma espécie de “despertar”. Despertar tanto acerca de minhas questões pessoais quanto acerca dos caminhos que eu gostaria de trilhar nas reflexões sobre a política socioeducativa brasileira.

Ao descobrir os estudos de Gurski² e do NUPPEC³ percebi, ainda como estudante de graduação, que havia a possibilidade de escutar os adolescentes no sistema socioeducativo a partir da psicanálise. Assim, passamos a estudar e a utilizar os estudos e pesquisas do NUPPEC como um de nossos norteadores no trabalho com os jovens da socioeducação (Gurski, 2017; 2019; Gurski & Strzykalski, 2018^a)

Já nas primeiras rodas, notamos que os adolescentes que escreviam as letras traziam repetidamente temáticas sobre o tráfico, a vida na periferia, as drogas e as abordagens policiais, relacionando-as com a cor de sua pele. Era interessante porque, quando a roda girava, os meninos partilhavam suas impressões sobre as letras e, nesse momento em que suas palavras e ideias circulavam, eles faziam questão de me convidar

² Seguem algumas das referências do NUPPEC no tema da psicanálise e socioeducação: Gurski, 2017; Gurski 2018; Gurski, 2019a; Gurski, 2019b; Gurski, 2018 e (Gurski, 2017; Gurski 2018; Gurski, 2019a; Gurski, 2019b; Gurski, 2018) e do NUPPEC (Gurski & Strzykalski, 2018; Strzykalski & Gurski, 2020; Gurski, Perrone & Strzykalski, 2020; Gurski, Perrone & Strzykalski, 2021)

³ O Núcleo é uma ação conjunta de docentes do Programa de Pós-graduação em Psicanálise: clínica e cultura e do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação, ambos PPGs da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Participam do Núcleo professores, pesquisadores e bolsistas. Para mais informações, ver: <www.ufrgs.br/nuppec> e <www.facebook.com/nuppec>.

a pensar junto com eles. Em um desses momentos, um menino disse: “a senhora é negra, tia, sabe do que estamos falando”.

Foi um momento de parada, no qual a afirmação do adolescente me colocou diante da minha própria negritude, questão que até então não era totalmente (re)conhecida por mim. Ali, percebi que eu, mulher negra retinta, tomava distância para falar sobre racialidades e negritudes com eles. Por que era tão difícil para mim abordar o tema da (minha) negritude? O que eu “deveria saber” por ser negra?

Foi a partir dessas angústias e experiências que decidi entrar no mestrado e pesquisar sobre juventude, vulnerabilidade social e raça, através do trabalho com os jovens da socioeducação. De todo modo, foi apenas inserida na pós-graduação que tomei consciência da dimensão do que propunha como pesquisa. A distância que eu construí para falar sobre as questões raciais me colocou em um ponto diferente da narrativa: será que eu poderia separar a pesquisadora de mestrado e a mulher negra que sou? Seria possível a neutralidade em uma pesquisa sobre a questão racial realizada por uma pesquisadora negra? O que, afinal, é a neutralidade na pesquisa?

No livro *Memórias da Plantação — Episódios do Racismo cotidiano*, Grada Kilomba (2020) aborda a questão do racismo científico ao interrogar quem está autorizado a falar sobre esse tema. A autora aponta para os lugares onde cada sujeito está posicionado no mundo da ciência, estando os negros à margem e os brancos no centro. Ainda, segundo ela, a Academia não é um local neutro. A Academia é um espaço branco onde o privilégio de fala tem sido negado para as pessoas negras. Historicamente, esse é um espaço onde temos estado sem voz e onde acadêmicas e acadêmicos brancos têm desenvolvido discursos teóricos que formalmente nos construíram como as “Outras”, os “Outros” inferiores, colocando pessoas africanas em subordinação absoluta ao sujeito branco (Kilomba, 2020, p. 50).

Ao traçar a linha histórica de como a ciência foi construída, Kilomba nos traz a sua própria experiência como acadêmica, frisando que é comum lerem seus escritos e ouvir de seus colegas brancos que a sua narrativa parte de uma “perspectiva demasiadamente subjetiva”, que “é muito pessoal e emocional” (Kilomba, 2020, p. 55). Essa posição permite que o sujeito branco posicione os discursos do sujeito negro de volta às margens. Ao ler a escrita do sujeito negro, percebemos que “não são histórias pessoais, ou reclamações íntimas, mas sim relatos de racismo” (Kilomba, 2020, p. 57).

A posição marginal na qual se encontra o sujeito negro evoca dor, raiva e decepção, demonstrando a inadequação do academicismo quando trata dessas questões. “Quando elas/eles (os brancos) falam, é científico, quando nós falamos, é acientífico” (Kilomba, 2020, p. 52). Evocar uma epistemologia que possa incluir o discurso subjetivo e pessoal na Universidade é reconhecer que todos nós falamos de um lugar específico, um lugar que não só não é neutro, como tampouco é universal.

Para Grada Kilomba, a produção narrativa não está localizada apenas naquilo que se fala mas, especificamente, no que o corpo produz como forma de intervenção no mundo, principalmente no mundo colonizado. Essa ideia de Grada a aproxima da autora Beatriz Nascimento.

Para Beatriz Nascimento (1977), existem inúmeras formas de vida negra, sendo que o corpo negro demarca nossa história e todas as atividades produzidas por esse corpo — como o samba, a capoeira, o rap e o candomblé — são um convite para preservar a nossa memória. Sendo assim, se quisermos avançar nas produções teóricas sobre a experiência do sujeito negro no Brasil, é necessário ampliar nossa compreensão do que é teoria e conhecimento e como ambas são produzidas.

Em *Pele negra, máscaras brancas*, Frantz Fanon (1952/2008) relata sua experiência como homem negro na Martinica e na França. Ele, que, até então, tinha se visto e se pensado como um francês sofreu o racismo na pele. O psiquiatra relata que chegou ao mundo com a pretensão de desvelar os sentidos das coisas e que sua alma estava cheia do desejo de estar na origem do mundo. No entanto, na caminhada, ele se descobriu objeto em meio a outros objetos. De forma sucinta, a tese principal que circunda essa obra de Fanon é a propagação cruel do racismo. No capítulo cinco, ao tratar da experiência dos negros, Fanon sugere que o sujeito negro acaba introjetando um complexo de inferioridade quando percebe sua cor. O autor diz que o negro passa a agir, pensar e falar como branco até o momento em que se depara com o que ele denomina o olhar fixador do branco.

Sublinhamos que sua análise pessoal foi essencial para a reflexão acerca do colonialismo e de seus efeitos, pois, Fanon, naquele momento, percebeu a queda da máscara branca através do olhar colonizador, “onde quer que vá, o preto permanece um preto” (Fanon, 2008, p. 149). É nesse pensamento, e em sua posição de psiquiatra, que Frantz Fanon compreendeu a importância de liberar o negro do complexo de

inferioridade imposto pela branquitude, isto é, a tentativa de oferecer ao negro a possibilidade de humanidade: “o que nós queremos é ajudar o negro a se libertar do seu arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial” (Fanon, 2008, p. 44).

A psicanalista Isildinha Baptista Nogueira, ao falar sobre sua formação, pontua que a cor de sua pele sempre a colocou em uma posição de herdeira de todo passado social e histórico – e que esse passado a fez refletir “sobre a dimensão psíquica da questão do racismo e sobre as formas pelas quais essa realidade histórico-social do racismo determina configurações psíquicas peculiares no negro” (Nogueira, 1988/2021 p. 33). Isildinha Nogueira aproxima as questões raciais da teoria psicanalítica, alinhando a teoria do significante com a cor de sua pele. Segundo a autora:

“Em psicanálise nunca falamos de corpo físico, mas *do corpo que fala e do corpo sexual*. No entanto, percebo que meu corpo físico, que é investido de um significante peculiar, a cor negra, funciona como um evocador de significações [...] No *setting*, a anulação do meu corpo negro nunca acontece, ao contrário do que ocorre fora do *setting*.” (NOGUEIRA, 1988/2021, p.152)

A autora escreve que a percepção esboçada pelos pacientes frente a sua cor não é considerada pela psicanálise como uma agressão racial, mas como uma forma de expressão de seus fantasmas. Isildinha nos convoca a pensar que o corpo não é uma coisa, mas a manifestação de uma cultura, recheada de significantes. Pensar o corpo negro sem o viés de sua cultura seria retratá-lo como objeto.

Para Abdias Nascimento, “a ideia de uma ciência histórica pura e universal está ultrapassada. O conhecimento científico que os negros necessitam é aquele que os ajude a formular teoricamente — de forma sistemática e consistente — sua experiência de quase quinhentos anos de opressão” (Nascimento, 2020, p. 287). O autor frisa que, durante séculos, os negros carregam os erros eurocêntricos do que a branquitude denominou por “ciência”.

Nesse mesmo diapasão, Jaqueline Conceição Silva, psicanalista e mulher negra, descreveu, no artigo *Feminismo Negro: Corpo Escrita, Experiência e Performance* (2021), seu primeiro contato com o tema do corpo no campo da pesquisa. A autora revela que, em uma roda de conversas, proposta por ela, para falarem sobre o momento em que as mulheres presentes se descobriram negras, escutou o relato de uma

senhora de 62 anos que afirma que seu corpo é tudo o que ela tem; que, nele, ela carrega todas as coisas que passou na vida.

Ao escutar essa mulher, Silva é remetida para a reflexão do “Corpo, não como unidade física da existência de uma subjetividade subalternizada e domesticada, mas como o espaço de construção e efetivação de formas de pensar e estar no mundo a partir daquilo que lhe marca sociologicamente: a falta” (Silva, 2021 p. 4). Para Jaqueline Conceição da Silva, o corpo é um lugar de fala “que escreve, que dança, que pensa, que desenha, que pinta, que atua, que faz o mundo e está no mundo” (2021, p. 4). O encontro com as questões apontadas por Grada Kilomba, Beatriz Nascimento, Abdias do Nascimento e Jaqueline Conceição, associadas à experiência de Fanon e à minha própria experiência como mulher negra e pesquisadora – também o encontro que tive com as pesquisas do NUPPEC – sustentam meu desejo de construir um dispositivo de escuta com os jovens da socioeducação, um dispositivo que possa carregar as marcas da cultura negra.

1.1 Breve narrativa sobre a trajetória de pesquisadoras e mulheres negras no Brasil: questões sobre o racismo e as produções raciais

Desde os primórdios da criação da psicanálise, Sigmund Freud se atentou tanto para a cultura, quanto para a clínica. Podemos encontrar muitos textos em sua obra que dialogam com a cultura, dentre alguns: *O mal-estar na cultura* (1930/2010), *Totem e tabu* (1912/2012), *Psicologia das massas e análise do eu* (1920/2011). Para Freud, toda psicologia individual é também uma psicologia social (Freud, 1921-1976). Nascida no berço de Viena no final do século XIX, a psicanálise foi ganhando seu espaço e se expandindo para outros países.

Nos textos que tratam da chegada da psicanálise no Brasil⁴, encontramos muitas referências de médicos e homens brancos, dentre eles, o psiquiatra Juliano Moreira. Porém há um silêncio sobre a participação das mulheres nesse movimento, e, em especial, das mulheres negras.

Precisamos de fato pensar sobre a trajetória da psicanálise no Brasil levando em consideração a herança europeia e burguesa que pauta a psicanálise feita no Brasil, em geral ainda muito dominada pelas elites. Entendemos que é imprescindível publicizar as produções de psicanalistas brasileiros advertidos das questões raciais. Principalmente nos últimos tempos, em que o debate sobre o tema da racialidade e a estrutura da cultura brasileira vem se expandindo também no meio psicanalítico.

Para tanto, é importante revisitar alguns pontos dessa história, na qual encontramos os lampejos de Virgínia Bicudo, uma das pioneiras, tantas vezes esquecida pela história oficial da psicanálise. Virgínia Bicudo iniciou seu curso de sociologia em 1936 a fim de compreender as configurações entre as raças. Foi durante as aulas da graduação que começou a se aproximar da teoria freudiana. Em 1942, ela ingressou no Programa de pós-graduação da Escola Livre de Sociologia Política (ELSP), onde passou a escrever sobre psicanálise e racismo. A dissertação que escreveu teve o título de *Estudos de Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo*, trabalho que divergiu dos pensamentos tradicionais da época.

No livro *Psicanálise e racismo: interpretações a partir do quarto de despejo*, os autores Amorim e Moreira (2018) relacionam o apagamento de Bicudo no meio

⁴ Roizman, D. H. (2020). A psicanálise no Brasil antes e depois de Lacan: posições do psicanalista nessa história. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(1), 247-252.

psicanalítico com o *Quarto de despejo*, escrito por Carolina de Jesus na década de 1960. Para eles, a exclusão em qualquer âmbito da sociedade brasileira é de ordem estrutural, até mesmo na psicanálise. No texto *Racismo no Brasil: questões para psicanalistas brasileiros* (2020), a psicanalista negra Maria Lúcia da Silva relata sua experiência com as questões raciais e a psicanálise, apontando para o desconforto que aparecia na instituição em que fazia formação toda vez que a temática surgia, isso mesmo com todos concordando que o racismo causa efeitos de sofrimento psíquico importantes nos sujeitos. Para ela, o reconhecimento de que o racismo permeia as relações na sociedade brasileira indica “a necessidade de se conhecer a história do nosso país para compreender como as relações estão estruturadas, e para ouvir o outro a partir de seu contexto histórico.” (Silva, 2020, p. 75).

Ao revisitarmos alguns fragmentos da história do Brasil, deparamo-nos com um episódio de apagamento do período escravocrata nos primórdios da República. Em 1890, o ministro da Fazenda, Rui Barbosa, decidiu queimar os documentos oficiais do tempo da escravidão sob o argumento de que esta seria a única forma de acabar com o debate e a pressão realizados pelos escravocratas que, desde a assinatura da Lei Áurea, passaram a cobrar indenização do Estado por suas “perdas”, ou seja, por não terem mais o direito de possuir negros na condição de escravos (Estadão, 2015).

O interessante desse episódio da história das relações sociais no Brasil da República, na época recém-instalada, é que a execução do decreto, tratada por alguns como um ato “progressista”, além de apagar uma parte da nossa memória histórica, instalou um paradoxo recorrente e mortífero: os atos “republicanos”, mesmo do Brasil recente, de suposto progresso, não raras vezes constituem votos de morte aos desfavorecidos, tanto do ponto de vista simbólico como factual. Nesse diapasão, destacamos que, no ano de 1890, foi oficializado o hino da República, no qual se lia: “Nós nem cremos que escravos outrora/ tenha havido em tão nobre país”. Além do tom necropolítico de vários episódios, tal estrutura precisa ser analisada, pois, como ressalta Maria Lúcia Silva (2020), os traumas só podem ser superados através da palavra, com registros e lembranças.

Em uma entrevista concedida ao psicanalista Abraão Slavutzky, em canal do YouTube⁵, na página Psicanalistas pela Democracia, a psicanalista Isildinha Baptista Nogueira conta sobre o início da sua trajetória na psicanálise, abordando o evento internacional latino americano *Le Psychanalyste sous la terreur*, em Paris, para o qual ela foi convidada. Uma das questões que ela relembra é a ocasião em que, ao ser questionada sobre o quealaria, ouviu de seu colega:

“Você vai falar sobre você, sobre sua negritude”. Ao terminar sua apresentação, Isildinha relata que os brasileiros presentes ficaram atônitos e que a psicanalista Françoise Dolto falou “não há o que comentar diante da sua fala, a sua fala sangra, a sua fala é você, nós temos é que pedir desculpas pela psicanálise e pelos psicanalistas ainda não terem pensado sobre essa questão”.

Outro fragmento interessante da história de Isildinha foi relativo ao livro “A cor do inconsciente”, produzido a partir de sua dissertação de mestrado, realizada na USP, no ano de 1998. Na época, foi alegado que esse título poderia ser muito polêmico e ela acabou nomeando a tese de outra forma, mas resultou que, mais de trinta anos depois da defesa de sua tese, Isildinha finalmente publicou o livro com o título que de fato decantava de suas questões: *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*.

Ela ressalta que a ideia não era debater sobre a cor da instância psíquica, mas problematizar o significante “cor negra” que está inserido, evidentemente, num arranjo semântico, político, econômico e histórico no qual se dá uma espécie de “apartheid psíquico” [...] que tem funcionado e se mantido de maneira tão eficiente na psique do negro” (Nogueira, 2020 p. 121-122). No escrito de sua tese, Isildinha explorou, desde sua posição de psicanalista, o modo como a realidade histórica e cultural brasileira, enraizada no racismo estrutural, inscreve-se na psique do negro e como se dá o processo de constituição do sujeito no contexto social. Para a autora, o corpo não é uma coisa, o corpo é signo, é a manifestação de um mundo (Filho, 2020).

Nesse mesmo contexto de pensamento, encontramos a dissertação da psicanalista Neusa Santos Souza, que trata do processo de tornar-se negro. A primeira edição da dissertação de Neusa foi publicada no ano de 1983, no contexto da ditadura, momento em que toda a discussão sobre o tema da raça era silenciada. Neusa Santos, ao

⁵ Clinicand – Psicanálise e Esquizoanálise. (2022, 27 de janeiro). Isildinha Baptista Nogueira: psicanálise e trajetória e Félix Guattari. [Vídeo]. Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=Ag1_26aaxmY&t=382s

se deparar com a realidade brasileira do racismo estrutural e velado, assim como da suposta democracia racial, abriu a discussão sobre os efeitos do desejo de ser branco por parte do sujeito negro, tendo como uma saída política o clareamento da raça. Em sua dissertação, ela decide, então, tratar da emoção dos sujeitos negros e os efeitos causados pelo racismo. Nesse escrito, ela também trata da importância de procurar meios para que o sujeito negro possa ter sua imagem em outra posição. Para tal, Neuzza busca, no conceito freudiano de ideal do ego, ferramentas para apresentar a estruturação do sujeito no seio familiar e coletivo, o qual circula entre o discurso libidinal e coletivo.

As obras da historiadora e antropóloga Lélia Gonzalez (1979-1984) também apresentam uma vasta produção frente ao contexto social brasileiro, com recortes de classe, raça e gênero. Gonzalez recorre à psicanálise lacaniana para tratar da questão cultural atrelada ao racismo, questionando se acaso o racismo seria uma neurose cultural brasileira. Em busca de um possível diálogo com a psicanálise, a autora utiliza o complexo de Édipo para explicar o sexismo e as relações violentas impostas pelo período escravocrata, bem como a utilização do conceito de nomeação do sujeito.

Além disso, podemos encontrar em seus escritos o termo amefricanidade, cunhado por ela para designar a experiência dos sujeitos negro e indígena contra a dominação colonial. A aproximação de Lélia com a psicanálise ocorreu na mesma época em que ela passou a utilizar a expressão pretuguês: segundo ela, o português falado no Brasil era diferente do português falado em Portugal porque nosso país possui uma grande influência africana.

Ao analisar as produções dessas mulheres negras, podemos perceber a genialidade proposta por cada uma delas. Elas parecem ter buscado, através da psicanálise em articulação com a racialidade, uma complexidade necessária para a compreensão do sofrimento dos sujeitos negros no Brasil, sofrimento que não pode ser pensado somente a partir da concepção edípica e dos efeitos das instituições europeias e burguesas.



“Tia, porque a senhora não faz aquela **parada de psicólogo**, que mesmo quando vai embora, deixa o cara **pensando na vida**... Traz o **RAP** para gente!”

PARTE 2 – “ISSO AQUI É ESPAÇO DE CURA, VOCÊS DESENVOLVAM A
ESCUTA”: À GUIA DE UMA METODOLOGIA PSICANALÍTICA NA
SOCIOEDUCAÇÃO

O projeto do PAISPIS foi fundado no ano de 2016, alicerçado no SINASE e no ECA. O projeto possui quatro eixos, quais sejam Formação e Profissionalização; Família; Esporte, Cultura e Lazer; e Educação em Saúde. O trabalho com as Rodas de Rap em Maceió fazem parte do Eixo Esporte, Cultura e Lazer, e tiveram início no primeiro semestre de 2019, na unidade de internação provisória (IP) masculina. Nesse período, ainda não era mestrande, estava como graduanda no projeto, e cada vez mais próxima da psicanálise. As atividades junto aos meninos foram ganhando outros movimentos, o projeto passou a alargar suas ações e a cada atividade finalizada era solicitado um feedback dos adolescentes para ampliarmos a escuta do que de fato era a demanda deles para com as atividades. Um dos adolescentes pediu para que tivéssemos um momento no qual pudessem cantar as letras de rap; este pedido chamou a atenção dos membros que atuavam na unidade e, de início, foi colocada a possibilidade de abriremos com uma música de rap todas as atividades previstas no edital. Entretanto, a associação feita por outro adolescente ao relacionar que eles gostariam daquela parada que psicólogo fala, vai embora e fica na nossa cabeça com o” traz o rap pra gente, tia” suscitou alguns questionamentos na equipe. Nas Rodas, foi possível perceber que eles não só escolhiam as letras de músicas mas também escreviam e compartilhavam entre si algumas vivências que apareciam de forma “repetitiva” nas letras. Esses momentos junto à socioeducação, atravessada pela escuta psicanalítica, fizeram-me propor a inclusão das Rodas como uma ferramenta de trabalho com os jovens socioeducandos. O aceite da proposta me levou a pensar sobre a atuação da psicanálise fora do setting tradicional e a possibilidade de usar a escuta psicanalítica como ferramenta no contexto das medidas socioeducativas. Em busca de uma metodologia que pudesse dialogar com meu desejo enquanto pesquisadora, atravessada pela ética da psicanálise, deparei-me com a famosa fala de Jacques Lacan “deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (Lacan, 1998, p. 321). Considerando a subjetividade de nossa época, comecei a refletir sobre a psicanálise brasileira. Essa reflexão junto às ações com os adolescentes me levaram às produções do NUPPEC/Eixo 3, e, ao tomar conhecimento das Rodas de Rap que aconteciam na FASE/RS6, percebi a possibilidade de sustentar metodologicamente as Rodas de Rap como um dispositivo metodológico de intervenção e pesquisa no trabalho com a socioeducação no estado de

Alagoas.

4.4 Abdias Nascimento e o quilombismo

O terceiro teórico que escolhemos trazer aqui é Abdias Nascimento, nascido em Franca, São Paulo. Nascimento foi poeta, escritor, ator, professor, artista plástico, político e ativista dos direitos humanos e civis do povo negro. Assim como Clóvis Moura e Beatriz do Nascimento, ele articulou diversas áreas do conhecimento para a construção da teoria acerca do quilombo. Conhecido em nível internacional, Nascimento fundou diversas ações com o propósito de instituir a emancipação política e cultural da comunidade negra. Ele foi preso entre 1941-1943 por se defender do racismo, e foi nesse período que ele criou o Teatro do Sentenciado na prisão

“A um só tempo o TEN alfabetizava seus primeiros participantes, recrutados entre operários, empregados domésticos, favelados sem profissão definida, modestos funcionários públicos – e oferecia-lhes uma nova atitude, um critério próprio que os habilita também a ver, enxergar o espaço que ocupava o grupo afro-brasileiro no contexto nacional.” (NASCIMENTO, 2004. p. 211)

Todas as atividades de Abdias Nascimento refletiam o que ele denominou de Quilombismo. Para a compreensão do leitor, traremos aqui alguns recortes do documento sete, onde o autor discorre sobre a função do quilombo para os negros 61 brasileiros, afirmando que o quilombo é o resultado de uma exigência vital para que os africanos escravizados pudessem resgatar sua liberdade e dignidade, para que a multiplicação dos quilombos fosse transformada em um movimento permanente e amplo (1980/2020)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, S. (2019). **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA.

Amaral, M. (2020, 6 de abril). **Safatle: “Bolsonaro se acha capaz de esconder os corpos”**. *Pública*.

<https://apublica.org/2020/04/safatle-bolsonaro-se-acha-capaz-de-esconder-os-corpos/>

Araújo, Z. (2020). **Quilombo dos Palmares: negociações e conflitos**. Alagoas: Enuneal-Editora da Universidade Estadual de Alagoas.

Baratta, A. (2004). **Ressocialização ou controle social. Uma abordagem crítica da “reintegração social” do sentenciado**. Disponível em:

<<http://www.ceuma.br/portal/wp-content/uploads/2014/06/BIBLIOGRAFIA.pdf>>.

Acesso em: 13/05/2023.

Bayer, B. F. (2022). **Sonhei que eu morri!: Reflexões sobre morte, sonhos e resistência nas rodas de sonhos com adolescentes que cumprem medida socioeducativa de privação de liberdade**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicanálise: clínica e cultura, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Campos, D. M. C. D. (2006). **O Grupo Palmares (1971-1978): um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Carneiro, E. (1958). **O quilombo dos Palmares**. São Paulo: Ed. Nacional.

Constituições Brasileiras – Volume 1 – 1824. (2012). Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas. Disponível em:

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/137569/Constituicoes_Brasileiras_v1_1824.pdf>. Acesso em: 13/05/2023.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. (1988). Brasília. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/constituicao1988/arquivos/ConstituicaoTextoAtualizado_EC%20127_128.pdf>. Acesso em: 13/05/2023.

Dardot, P., & Laval, C. (2016). **Neoliberalismo e subjetivação capitalista**. *Revista Olho da História*, 22.

David, E. D. C. (2018). **Saúde mental e racismo: a atuação de um Centro de Atenção Psicossocial II Infantojuvenil**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

dos Reis, A. M. B. (2004). **Zumbi: historiografia e imagens** (Doctoral dissertation, Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista-Campus de Franca).

Evaristo, C. **Tempo de nos aquilombar**. Disponível em <<https://xapuri.info/tempo-de-nos-aquilombar/>>. Acesso em: 22/02/2020.

Fanon, F. (2022). **Os condenados da terra**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. (2022). **Anuário Brasileiro de Segurança Pública: 2018**. São Paulo: FBSP, 2022

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. (2022). **Anuário Brasileiro de Segurança Pública: 2022**. São Paulo: FBSP. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=15>>. Acesso em: 13/05/2023.

Girardet, R. (1987). **Mitos e mitologias políticas** (p. 129). São Paulo: Companhia das Letras.

Gonzalez, L. (1981). **Mulher negra, essa quilombola**. *Folha de S. Paulo*, 22, 4.

Gonzalez, L. (2020). **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.

Gonzalez, L. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. *Revista Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS, p. 223-244, 1984.

Gurski, R. (2017). **Jovens' infratores', o RAP e o poeatar: deslizamentos da' vida nua' à' vida loka'**. *Subjetividades. Fortaleza, CE. Vol. 17, n. 3 (2017), p. 45-56*.

Gurski, R., & Silva, S. S. (2018). **A escuta psicanalítica de adolescentes em conflito com a lei: que ética pode sustentar esta intervenção?**. *Tempo psicanalítico*. Rio de Janeiro. Vol. 50, n. 1 (jul./dez. 2018), p. 72-98.

Gurski, Rose; Perrone, Cláudia Maria; Silva, Stéphanie Strzykalski. **Genocídio de jovens negros e a violência (im) pertinente no Brasil contemporâneo: o fantasma da colonialidade e a produção do desejo do fascismo atual**. MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ROSA, Miriam Debieux (org.). *Violência e psicanálise: atualizações intersaberes*. São Paulo: USP, 2021. p. 270-317, 2021.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2020). **Atlas da Violência**. Brasília: Livraria IPEA.

Kehl, M. R. (1999). **Radicais, raciais, racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo**. *São Paulo em perspectiva*, 13, 95-106.

Kilomba, G. (2020). **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó.

Lima, H. P., Silva, M., Souza, A. L. S., & Souza, A. L. D. (2005). **De olho na cultura!: pontos de vista afro-brasileiros**. Salvador: CEAO-UFBA

Magro, V. M. M. **Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop**. *Cad. CEDES*. Campinas, v. 22, n. 57, p. 63-75, 2002. Disponível em: Acesso em: 07/04/2021.

Mbembe, A. (2016). **Necropolítica**. *Arte & ensaios*, 2(32), 122-151.

Miranda, E. O. (2021). **Decolonialidade se faz em/com Quilombos**. Em *Construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência*, (9).

Moura, C. (1987). **Da insurgência negra ao escravismo tardio**. *Estudos Econômicos (São Paulo)*, 17(Especial), 37-59.

Moura, C. (1987). **Quilombos: resistência ao escravismo** (Vol. 106). Editora Ática.

Moura, C. (1992). **História do Negro Brasileiro - Série Princípios**. São Paulo: Editora Ática SA, 83.

Moura, C. (2001). **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. EdUFAL.

Nascimento, A. (2020). **O quilombismo**. São Paulo: Editora Perspectiva SA.

Nascimento, A. (2016) **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Editora Perspectiva SA.

Nascimento, B. (1977). **Nossa democracia racial**. RATTs, A. Eu sou atlântica. Sobre.

Nascimento, B. (2021). **Uma história feita por mãos negras**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras.

Neves, M. A. P. **Música e psicologia na escola: mobilizando afetos na classe de recuperação**. *Psicol. Esc. Educ. Maringá*, v. 22, n. 1, p. 17-25, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14185572018000100017&lang=p> Acesso em: 03/05/21

Nogueira, R. (2018). **Dos condenados da terra à necropolítica: Diálogos filosóficos entre Frantz Fanon e Achille Mbembe.** *Revista Latino Americana do Colégio Internacional de Filosofia*, (3), 59-73.

Oliveira, D.M., & Gurski, R. (no prelo). **A escuta-flânerie na socioeducação e a cena ética em Judith Butler.** *Revista Agora, UFRJ.*

Oliveira, D. M. (2021). **A presença do pesquisador psicanalista na instituição socioeducativa e algumas notas sobre a construção da cena ética na escuta-flânerie.** Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

Pimentel, S. (1997). **O livro vermelho do hip hop.** *São Paulo, 29.*

Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente. (2016). **Plano Estadual Decenal de Atendimento Socioeducativo (2016-2024).** Alagoas.

Reis, R. R. (2004). **Soberania, direitos humanos e migrações internacionais.** *Revista brasileira de ciências sociais*, 19, 149-163.

Safatle, V. (2020). **Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação.** São Paulo: Autêntica Editora.

Santos, M. (2018) **Educação e culturas juvenis: o rap no contexto escolar.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel.

Sodré, M. (2019). **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira.** São Paulo: Editora Ltda.

Souza, A. M. de. (2016). **A caminhada é longa... e o chão ta liso: o movimento Hip Hop em Florianópolis e Lisboa.** São Leopoldo: Trajeto Editorial

Souza, N. S. (2021). **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras.

Strzykalski, S., & Gurski, R. (2020). **Adolescência e lampejos: a construção de políticas de "sobrevivência".** *Estilos da Clínica*, 25(1), 21-34. Teperman, R. (2015). *Se liga no som: as transformações do rap no Brasil.* Editora Companhia das Letras.

Toni, C. (2014). **"O hip-hop está morto!": a história do hip-hop no Brasil.** São Paulo: LiteraRua.

TV UFSC (2023). **O crescimento da extrema direita no Brasil: por um projeto de educação antifascista.** Youtube,. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZoUmgGOBwIk>>. Acesso em 13/05/2023.

ZAZO. (2014, 16 de maio). A cultura Hip Hop vive em Alagoas. [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=-j4Q3Sr59F8>.

Zeni, B. (2004). **O drama negro do rap: entre a lei do cão e a lei da selva**. Estudos avançados, 18, 225-241.